

Refúgio de solitários

Mais do que um templo de consumo, a burocrática e fria capital do País encontrou no Conjunto Nacional o seu espaço contra a solidão. Trata-se teoricamente, de um espaço de consumo, mas é também onde acontecem quase todas as formas imagináveis de encontros e onde se sente a ilusão de que não se está tão sozinho. Não é raro, por isso, encontrar pessoas que estão ali não para comprar ou para comer, mas simplesmente para fugir do vazio ou buscar o lado humano da cidade.

É comum encontrar essas pessoas pelas cinco praças do conjunto nos bares da Praça da Alimentação, ou entre a platéia de um programa musical que "ao cair da noite", é transmitido ao vivo por uma rádio FM da cidade. Ao som do piano tocado diariamente por um músico diferente, o professor particular de inglês Carlos Grosskllgs, 55 anos, por exemplo, distrai um pouco sua vida solitária. O ambiente mais parece uma igreja, mas o público aplaude o pianista e comenta a programa-

ção com os vizinhos de auditório.

Popularidade

Outro maestro, que nada tem a ver com o programa "Um piano ao cair da noite" também encontra no Conjunto Nacional, involuntariamente, um ótimo ambiente para testar sua popularidade. Levino Alcântara do Coral do Congresso, vai muito ao Conjunto Nacional, porque acha um local prático, mas os encontros com seus fãs às vezes também são inevitáveis. Alguns até chegam a lhe surpreender. Enquanto lê o seu jornal, é festivamente saudado por um, pelo menos para ele, desconhecido. Mas logo o seu interlocutor se indentifica. Conheceu o maestro no final da década de 50 em Anápolis. O encontro, no mínimo, foi inesquecível para aquele senhor de óculos escuros.

Mas os encontros no Conjunto Nacional nem sempre são tão furtivos. Pessoas se conhecem, namoram e chegam até o altar, às vezes a partir de um encontro no meio de produtos e gente expostos no shopping.